

TRANSCRIÇÃO

Entrevista com Risonete Fernandes

17 de novembro de 2020

PARTICIPANTES

Entrevistador: Bernardo Parodi

Entrevistada: Risonete Fernandes

TEMPO DE GRAVAÇÃO

35 minutos e 39 segundos

LEGENDA

... ☹ pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] ☹ palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] ☹ incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(INÍCIO)

[00:00:01]

Risonete Fernandes: Sim, eu sou Risonete Fernandes da Costa, eu sou nordestina, moro em São Paulo desde os 17 anos. Minha família migrou como muitas famílias nordestinas, por causa de doença e de recursos veio para São Paulo. A gente morou em Guarulhos, trabalhei em Guarulhos, depois viemos embora para São Paulo e trabalhei em vários lugares. Eu sou de uma família de sete irmãos, sou filha única. Aos 23 anos, eu fiquei grávida; quando eu tive minha filha, continuei trabalhando, eu sou solteira, eu tive a minha filha sozinha, e depois de uns anos do meu parto eu comecei a sentir umas dificuldades assim... mentais. Tinha uma questão relacionada ao trabalho, que é a questão de trabalhar à noite, e criança pequena, às vezes eu passava o dia cuidando, à noite ia trabalhar, isso tem a ver um pouco com essa história aí de um adoecimento mental. A coisa foi se agravando, eu era bem mais jovem, 25 anos, e continuei trabalhando com dificuldades e adoeci. Depois fui buscar vários

tratamentos, mas eu tive muitas internações até achar um tratamento digno. Quando, em 2004, eu chego no CAPS Butantã, através da minha família. A minha mãe fazia terapia nos centros de convivência aqui no Butantã mesmo, Parque da Previdência, aí ela ficou conhecendo o CAPS e aí eu fui, depois de várias internações, para o CAPS Butantã. Comecei um tratamento em liberdade no CAPS Butantã, que até então o meu tratamento era medicação e internação, o que me fez piorar, vários anos, ao invés de melhorar. Aí, no CAPS Butantã, eu cheguei bastante debilitada ainda, foram difíceis os primeiros anos de tratamento, eu dependia de medicação e das pessoas, inclusive para ir para o CAPS, mas havia muito investimento no tratamento das pessoas. Estou falando do CAPS Butantã porque é a minha referência. E eu tive a sorte de estar nesse lugar. Com o passar dos anos também, fazia parte do tratamento levar a gente para fora, os técnicos levar a gente para estar em todo lugar da vida, a gente ia para o museu, ia passear, e aí eu fui tendo contato com pessoas da rede de saúde mental e também do movimento de economia solidária. Dentro do CAPS também, você vai se sentindo acolhida e ganhando confiança em você mesma e nas pessoas. Eu fui participando também das atividades do CAPS, por exemplo, conselho gestor, a gente criou o primeiro conselho gestor do CAPS Butantã, motivado pelos técnicos, e a gente tinha necessidade ali do próprio serviço de saúde mental e a gente tinha o desejo de que algumas coisas dessem mais certo, e isso junto com os técnicos, a gente formou o conselho gestor. Na época, o Gildásio também estava no CAPS Butantã, ele começou o conselho gestor com a gente, e aí a gente já lutava pelas próprias melhores condições do tratamento, do equipamento, e também a gente foi indo para essa... tinha as oficinas dentro do CAPS e os projetos de geração de renda já. Alguns com geração

de trabalho e de renda, já que, com sofrimento psíquico a pessoa dificilmente arruma oportunidade de trabalho como tem direito. E logo eu conheci um coletivo que chamava Bar Saci, fui convidada a participar. Depois de um ano, tinha um projeto de ter um imóvel para os empreendimentos. No CAPS Butantã, já existia a livraria, um projeto de livraria, projeto de artesanato, também já estava o movimento da rede saúde mental e economia solidária do estado de São Paulo, onde tinha encontros mensais dos usuários e trabalhadores da saúde, feiras, e esses empreendimentos dos serviços de saúde podiam ir, se encontrar, vender, atividade cultural, e a gente foi participando desse movimento. Eu comecei a sair muito. Uma questão de profissionalização também, a gente fez cursos no Museu de Arte Moderna como parte do tratamento, era um programa do museu que chamava Programa Igual é Diferente. A gente foi conquistando de novo uma autonomia, uma confiança em si mesmo. E eu fiz o curso de fotografia no MAM. Em 2009, a gente teve a Marcha Nacional dos Usuários, fomos todos para Brasília, o Brasil inteiro, os usuários de saúde mental do Brasil inteiro e os trabalhadores, e fomos para Brasília para a marcha nacional. Lá, além de participar, uma das minhas funções era fotografar o evento, a primeira vez que eu saí com uma câmera, e foi muito interessante, conheci pessoas de vários lugares e voltei mais empolgada. Aí trabalhei bastante tempo com fotografia bem na área de saúde mental, nos movimentos da luta antimanicomial, a gente ia para a rua, fotografei muitos *18 de maio* em São Paulo, fotografei um ato para fechar o manicômio Vera Cruz, lá em Tucuruvi, então tem umas histórias bem legais que têm a ver com esse voltar para a vida já. E aí, em 2010, no coletivo Bar Saci, que eu e o Gildásio fazíamos parte, Solange, que hoje está lá no Ponto de Economia Solidária, a gente já tinha a

Associação Vida em Ação, e a gente alugou um imóvel para montar um espaço de geração de renda e trabalho lá em Perdizes, que foi a Casa Saci. A gente alugou, reformou a casa, pagamos aluguel um ano, trabalhamos, mas a gente não tinha experiência, só vontade e sonho. Depois de um ano, a gente não conseguiu mais pagar aluguel, só trabalhava para pagar aluguel, aí a gente fechou a casa, guardou os equipamentos no serviço de saúde e o Bar Saci, que era independente, a gente era um coletivo independente, fazia evento, coquetel, a gente não estava alocado em nenhum serviço, as nossas coisas eram, antes da Casa do Saci, guardadas sempre na casa de amigos, nas nossas casas, e aí, quando a gente fechou a Casa do Saci, um ano mesmo depois da abertura, da inauguração, foi uma grande festa, a Casa do Saci era a realização de um sonho. Não tinha experiência e cometemos muitos erros, e sem política pública a gente não se sustentou mais que um ano. E aí as coisas no Bar Saci, a gente não tinha onde pôr, aí a gente conseguiu que o sindicato dos psicólogos pagasse aluguel para a gente de um box que a gente guardou as coisas por um período. Depois não dava mais, passou um ano, não tinha onde pôr as coisas, não tinha como a gente pagar aluguel, porque aí a gente voltou a fazer eventos esporádicos, e lá na Casa do Saci a gente abria a casa quatro vezes por semana para eventos, para atividades da livraria, da loja - tinha uma loja -, e o Bar Saci, e a era sede da associação, que já existia, já tinha esse nome, o coletivo tinha esse nome. E aí a Casa do Saci, deu o nome para a casa não só por causa do bar, o bar já tinha uma história de uns quatro anos, mas pelo personagem saci, que ele é espoleta, aquele que vai... até a decoração da casa era toda Monteiro Lobato, foi a galera do Ocupe a Cidade que fez com lambe-lambe. E aí, depois de um tempo, a gente não tinha onde guardar as coisas desse coletivo, e a gente, em 2012,

no CAPS Butantã, tinha ganhado a chave do imóvel na Corifeu, para a casa da Corifeu ser a instalação do CAPS Butantã. E a gente, depois que surgiu a Casa do Saci, continuou com esse sonho desse lugar, porque parece que não se realizou nada em um ano, mas a gente fez muita coisa, a gente, de certa forma, bateu a cabeça, mas aprendeu muito, a gente ficou com mais desejo ainda de ter um lugar desse, saúde mental na redinha oeste, e muitas pessoas também sonhavam demais com isso. E a gente, quando recebeu essa casa, viu que podia ser mais que um lugar só de tratamento, e aí a gente começou a sonhar com esse projeto até maior de novo. Primeiro foi uma grande alegria, o subprefeito do Butantã, que conhecia o trabalho do CAPS de inclusão social e justamente por isso ele dá a chave da casa para o CAPS Butantã. E aí a gente do conselho gestor, usuários e trabalhadores, vai conhecer o imóvel e começar a falar disso, e leva para a rede saúde mental, as pessoas não entendem muito. A gente falava que podia ser lá e as pessoas falavam: "Mas é muito distante, esse projeto tem que ser no centro", porque a gente teve uma casa em Perdizes, na rede, na redinha, muito tempo também se pensou ali. A gente chegou a, junto com a Associação Vida em Ação, pensar em um quiosque ali no Largo da Batata, que seria o bar Bibitantam, que também é um empreendimento da rede saúde mental, que é incubado no CAPS Itaim Bibi. E aí a casa, todo mundo avaliava que não dava certo, que ali é muito afastado, não vira nada... A gente insistiu, às vezes até chamavam a gente de louco. Essa casa era da subprefeitura, e para ser da saúde precisava passar a titularidade para a Secretaria da Saúde. Eu achava, em 2012, esse processo, a gente lutou por isso, não veio de mão beijada, técnicos e trabalhadores, o conselho gestor do CAPS, a redinha Oeste junto, a incubadora, a ITCP, a incubadora tecnológica cooperativas populares está

na redinha nesse processo aí já. Esses três anos foram de luta, uma luta diária. A gente não cuidava mais só de melhorar as condições do tratamento ali no equipamento e na rede, mas a gente fomentava esse projeto junto na redinha. Nesses três anos, a casa foi depredada, porque a gente não conseguiu ocupar. Até fazia reuniões da redinha lá, o GT - a gente chamava GT Corifeu -, mas a gente não conseguia ocupar, porque a casa não tinha água, não tinha segurança, desde 2014. Em 2015, a gente podia usar a casa, mas a casa estava quebrada, sem porta, sem telhado e sem janela. A gente não tinha onde guardar as coisas e, quando a gente recebeu a chave da casa, em um acordo do CAPS Butantã e do Bar Saci, que sabiam que se pusesse qualquer coisa naquele imóvel corria o risco, porque ali não tinha segurança nenhuma. E a gente, o coletivo e o CAPS Butantã, guardou as coisas do coletivo ali, que era freezer, louça, a gente tinha equipamentos. Tinha um freezer em uma embalagem, que a gente ganhou em um edital com a Associação Vida em Ação, era um freezer novo, e um dia a gente chegou na casa, as janelas estavam arrombadas e tinham levado o motor do freezer; no outro dia, tinham levado a carcaça.... Perdemos as coisas ali, mas a gente não tinha onde pôr, a gente correu o risco e a gente perdeu, mas a gente não perdeu a vontade de lutar. Em 2015, recebemos e aí conseguimos a reforma do imóvel, também na subprefeitura do Butantã, a outra sub prefeita, e aí a reforma, depois de seis meses, a gente recebeu a casa para mudar, aí 2016, em março, a gente muda e realiza de novo esse sonho, e estamos até hoje aí fomentando e fazendo junto, com essas conquistas... (Inint) [00:15:25] que a gente tinha abraçado.

B: Você comentou que, então, o projeto inicial era que a casa virasse mais um CAPS?

Risonete Fernandes: ou equipamentos de saúde, mas seria o CAPS. Mas assim, tinha a necessidade de alocar o CAPS Butantã, o CAPS infantil, que estava sendo gestado ainda, mas inclusive a gente conseguiu a reforma da casa do CAPS Butantã, para a gente continuar lá. Foi um processo doloroso, porque a gente tinha que ir nas secretarias, a gente ficava no telefone ligando para os departamentos, para as secretarias, insistindo no projeto. Muitas vezes eu cheguei no CAPS... eu não chegava mais no CAPS para passar em consulta, para ficar lá, chegava no CAPS e sempre tinha alguma coisa para fazer. Muitas vezes a gente chegou, juntou a uma galera para ir para a Secretaria de Saúde fazer pressão, pedir apoio de um canto, de outro. Aí, em 2016, a gente entra praticamente sem nada. Quando a gente deixa a Casa Saci, a livraria volta para o CAPS Butantã e a gente guarda os livros no armário. Quando a gente ia vender em feiras ou algumas aulas, a gente punha a mochila nas costas ou carregava a mala de livros e ia. Então a gente muda para o Corifeu com as caixas da livraria, a gente vai montando. Aí o primeiro trabalho..., o Bar Saci entra na Corifeu como coletivo, mesmo sem nada, a gente fez lançamento do professor Paulo Amarante, a gente fez um chá de cozinha para o Bar Saci, para as pessoas levarem coisas para o bar, porque a gente não tinha nada. Nesse evento do lançamento do livro, do professor Paulo Amarante, para um chá de cozinha para o nosso empreendimento da cozinha, e a gente começou a trabalhar fornecendo lanche na casa para o curso São Paulo Carinhosa, da Estela Haddad. Foi o primeiro trabalho do Bar Saci na casa. A gente começou a ter trabalho, a coisas começaram a acontecer, e a gente, da

mesma forma que durante esse tempo, esses anos..., isso tudo é dentro do movimento da reforma psiquiátrica e da luta antimanicomial, todo esse movimento, nunca é isolado. Tem tudo a ver com a reforma, com fechar os manicômios. Não é à toa que a gente foi lá para a porta do Vera Cruz em um determinado momento e isso tudo andou juntou, porque as coisas fazem sentido e a gente (inint) [00:18:36]. Então a gente logo com a redinha oeste, a rede saúde mental em São Paulo é dividido nas redinhas, a gente faz parte da redinha Oeste. E até ali na Benedito Calixto a gente reuniu o GT várias vezes, que inicialmente era redinha, depois o GT. Quando a gente conseguiu usar a casa da Corifeu, limpar e usar a casa para as reuniões durante o dia, a gente levava água para tomar e usava a casa para reuniões, o GT Corifeu que a gente foi pensando nesse projeto, quando a gente puder usar essa casa, como a gente vai fazer? E aí os atores da rede, da redinha. Algumas vezes a gente se encontrava na incubadora também, e cada semana, cada reunião que a gente tinha, a gente tinha missão para todos os dias, ir na secretaria do planejamento, porque o projeto, para a cessão, para a casa passar para a Secretaria de Saúde, que estava parado, então a gente tinha que descobrir onde estava o processo, aí a gente descobria que estava na Secretaria de Planejamento com alguém que tinha saído de férias e estava arquivado, então quem está no lugar dessa pessoa? Então a gente tinha muito trabalho, e se não fosse atrás ninguém ia por nós, então eram as técnicas, as TOs, as psicólogas, e nós. E aí os parceiros, a incubadora e mais as pessoas aí que vão passando na incubadora, fizeram parte, e algumas pessoas da redinha, algumas estão até hoje com a gente. E, nas gestões, a gente foi arrancando as coisas, nunca foi facilitado. Até que em 2016, que a gente consegue a portaria, foi meio um laço, uma reunião do movimento

feminista, a gente faz o secretário se comprometer publicamente que vai assinar a portaria, aí ele se compromete e a portaria sai, quase acabando a gestão. Então as coisas tiveram que ser sempre assim, mas a gente sabe que, se não for assim, a política pública não é criada. (Inint) [00:21:06] diz isso claramente. E a gente tinha o desejo e foi pensando em uma série de coisas, nesse GT Corifeu, e cada dia você descobre que é preciso fazer mais e vai aprendendo a fazer. A própria abertura, a gente começou trabalhando só lá dentro, depois abrindo na quarta-feira, depois abrindo na quinta, na sexta, a casa tinha todo aquele muro na frente, que a gente não tinha visibilidade nenhuma, e olhando para o começo, a gente tinha até tudo para desanimar, porque a gente era como se estivesse meio isolado ali, mas assim, a gente fez sempre essa movimentação ali de ir mesmo, de acordar todo dia e trabalhar e acreditar e fazer contato. Aí, quando muda para a casa, o Bar Saci, que, depois, se torna outro coletivo na cozinha, que hoje é Comedoria Quiririm, mas quando muda é o Bar Saci, a livraria, o artesanato, que são os projetos da Lapa e do Butantã. E aí a gente foi descobrindo como fazer as coisas. Estou lembrando aqui. A venda de orgânicos não existia, não era projeto de lugar nenhum, da gente, e aí a gente começou a fazer contato com o Comerativamente, que o pessoal da agroecologia começou a conhecer esse mundo da agroecologia e a ter interesse e aquele lugar ali da casa, perto do instituto, perto da mata, ali é um lugar que inspira. E a gente foi conhecer o Josuel, o primeiro produtor que a gente foi conhecer lá em Ibiúna, e a gente começou a ideia de vender as cestas para os conhecidos, era no e-mail, vender para a galera do CAPS, vender dez cestas por semana. A gente começou sempre do nada, com exceção que a gente levou a livraria, o artesanato e o Bar Saci, a gente era isso, e a casa, no início o segurança

não podia ficar, porque não tinha, por exemplo, a gente não tinha microondas para o segurança ficar lá, uma série de dificuldades que a gente foi tendo, porque não tinha verba, nunca teve verba. Às vezes pegava emprestado coisas, o microondas mesmo uma pessoa que financiou no cartão e a gente foi pagando, como a gente faz muita coisa hoje. E aí a venda de orgânicos, por exemplo, que a gente começou assim, ia aprendendo, a gente fez formação na casa de agroecologia, aí a gente foi trazendo parceiros e hoje é um dos pilares da casa, junto com os outros. Mas é coisa de ir fazendo e quase sempre a gente não sabia como mesmo. Nós sempre tivemos ganhos, mesmo quando eles não aparecem, porque o próprio fato de a gente poder desejar um projeto desses e lutar por ele já é um ganho. Depois, quando a gente muda, por muitos meses ninguém tem renda ainda, porque antes, quando a gente colocava o livro nas costas para ir vender, essa renda não dava para ninguém sobreviver, foram sempre tentativas. A Casa do Saci mesmo, a gente trabalhou um ano, lotava a casa e tudo, trabalhava muito, mas depois de um ano a gente teve que entregar, então de muita insistência, mas o ganho, eu sempre acreditei nele. A minha experiência de vida, de superar a doença, é o ganho essencial. A gente demorou, a gente começou a abrir a casa três vezes por semana, depois quatro, depois cinco, e alguns projetos, principalmente os que trabalham com alimentação, foram os que começaram primeiro a gerar renda mesmo, aquela renda mais fixa, mas é um processo muito lento, e sem acreditar a gente não teria resistido, porque o ganho, por muito tempo, é invisível. E por causa da necessidade das pessoas, as pessoas precisam ganhar, então eu sempre tive o cuidado de não culpar as pessoas quando elas estavam desanimadas, porque as pessoas precisavam ganhar, vão todo dia e a gente não consegue renda?

Mas eu vejo, hoje a gente tem ganhos, tem empreendimentos no orgânicos e na Comedoria, muitas pessoas conseguem se manter ali com o projeto e vender. No ponto também, além dos empreendimentos nossos, os eventos que têm na casa, muitos produtores que vêm fazer feiras e conseguem renda e serem conhecidos também. Então tem esse ganho, que ele é lento, mas é, sobretudo, as pessoas acreditarem que é possível um trabalho digno. Eu vejo na vida de muitas pessoas, as pessoas falam disso também. Não que não tenham dificuldade, não que tenham o dinheiro sempre ali como a gente precisa, mas as pessoas também falam disso, do quanto são mais felizes, e que aquele lugar é muito importante, porque é um lugar que foi conquistado por nós, nós usuários, nós trabalhadores. Os trabalhadores, as trabalhadoras, tem muita mulher nessa luta aí desses três anos, é uma mulherada aí que estava no batente. Então, em 2017, a gente foi para Bauru com a rede saúde mental, o Brasil inteiro foi para Bauru, para a gente celebrar os 30 anos da Carta de Bauru, da reforma psiquiátrica, e a gente foi com uma galera do ponto, uma galera que é dessa história, uma galera que não conhecia essa história, que está fazendo parte agora como trabalhadora do ponto, e... é isso. Por exemplo, quando a gente estava em Bauru comemorando os 30 anos da Carta de Bauru, a gente começou a receber as notícias do desmonte das políticas públicas de saúde mental, as perdas, que nesses anos todos a gente lutou para conquistar, a gente estava perdendo, mas a gente estava remando contra a maré. Nesse desmonte todo, a gente vem resistindo a isso. Então, nesse tempo, a gente tinha tudo para recuar, e a gente não recuou e não vai recuar. A gente fica mais forte e as pessoas que estão com a gente, os outros usuários, colegas, vão vendo que é possível. A própria rede, a gente é muito criticado, hoje mesmo eu estava te falando

dessa relação com a AVA, isso a gente está fazendo uma pressão aí por causa do CNPJ que não abre a conta e tudo, porque a gente está com uma necessidade urgente, então são desafios assim. A gente vai tendo desafios diários. Tem que trabalhar e a gente vai tendo a necessidade, às vezes os parceiros querem jogar com a gente, então não é fácil, nunca foi. E chamavam a gente de louca e que a casa aqui no Butantã não ia virar nada, e hoje que é um lugar... sei lá, quer aparecer, e vamos juntos. A história está mostrando aí que... Hoje a gente é muito feliz de estar nesse território, com essa luta nesse território, porque eu acho que a gente, ao mesmo tempo que vem encontrando muitos desafios, a gente vai encontrando muita gente que abraçou o projeto, de certa forma. Eu lembro que a gente tinha a chave da casa, ia lá no Corifeu assim, e aí a gente ia participar de... uma vez a gente foi convidado, a livraria, o Bar Saci, para montar uma barraca em uma festa do Morro [do Querosene], e o pessoal não tinha muito contato com a saúde mental, com o CAPS, aí a gente começou a falar dos projetos, começava a falar da casa, e foram os primeiros contatos ali no Morro do Querosene, a gente é vizinho agora e todo mundo é da casa assim, e foi assim. A gente também não conhecia o território, a gente está ali no CAPS Butantã mas eu não conhecia o território como eu conheço hoje, a gente realmente está inserido.

B: Como você avalia o projeto da cartografia?

Então, eu lembro quando saiu o edital [Programa Aprender na Comunidade] que a gente começou a falar do que podia ser feito, do que tinha disponível para os trabalhos e podia ser feito, eu não tinha muita noção do que realmente era, de repente a gente começou a ver. Eu acho que os mapas foram muito interessantes, porque as pessoas realmente

entraram no projeto, as pessoas chegavam no salão e queriam saber como era e, de fato, participavam. E, por exemplo, a gente ter ido conhecer os produtores lá em Sorocaba, foi demais, a gente tinha muito desejo disso, ir lá nos assentamentos. Foram muitos encontros e as coisas foram começando a fazer sentido muito rapidamente. Eu acho que foi muito especial esse projeto, tem tudo a ver com a nossa história, tinha que ter acontecido, eu acho que é isso a ideia do site, é que ele continue aí vivo. E a gente também foi entendendo e participando, vendo que lugar que a gente está e como o Ponto é um lugar que todo mundo vai, que é importante para todo mundo. Todo mundo se envolvia, as crianças chegavam e queriam se colocar lá nos mapas, iam várias vezes, sempre queriam participar, perguntavam: "A gente pode?". Eu acho que foi bem interessante. Tem várias possibilidades de a gente realmente conhecer o nosso território. E essa importância dos lugares, a riqueza aqui no território, quanta coisa a gente tem. A Rede Butantã , como a Rede Butantã, sei lá, já era grande, mas acho que veio junto. Todo mundo se colocou, as pessoas falavam do que gostavam de fazer, onde eu gosto de ir, tudo foi se encontrando também, nos lugares. E gente vindo de longe, a Vanessa vem lá de Suzano, vem para cá, mas vem (inint) [00:34:06]. Mas a gente está nos outros lugares também, porque as pessoas vêm, ficam sabendo da gente. Eu acho que assim, o projeto, essa dinâmica que foi das pessoas chegaram ali através do mapa, conhecer os lugares, o que tem nos lugares, eu acho que isso pode continuar, no site no caso, acho que essa dinâmica tem que continuar, de as pessoas verem o que tem e valorizarem o que é nosso. Vendo aí como foi a construção da cartografia, tem a ver a ver com esse movimento, que a gente que todo dia saber o que fazer, então é importante a gente descobrir onde a gente está, do que

a gente dispõe, que equipamento tem nesse território tão grande que é o Butantã. Em todo lugar, desde a Vila Nova Esperança para o Morro tem uma potência, cada canto do território tem uma potência. Acho que a cartografia online também, eu acho que pode potencializar isso né. Não sei muito como, mas acho que pode potencializar, e fortalecer o que a gente tem no território. Não sei, é uma ideia.

[00:35:39]



audiotext

Audiotext Serviços e Cia. LTDA

CNPJ: 17.429.373/0001-85

(41) 3363-3220

falecom@audiotext.com.br

audiotext.com.br